

ArteLisboa 2008

OS NOVOS, OS CONSAGRADOS, AS SURPRESAS
E OS TRABALHOS DELES

TERESA PEARCE DE AZEVEDO

**COM UM TERÇO DE PRESENCAS VINDAS DE
ESPANHA, A ARTELISBOA 2008 VIAJA ENTRE A
PINTURA E A CIBERNÉTICA, ENTRE O VÍDEO E A
PERFORMANCE, QUESTIONANDO E TESTANDO
NOVAS PROPOSTAS.**

26



Galeria MCO (Portugal) | **SOFIA LEITÃO**
"Entre dois reinos", 2008 | Esponja e espelho | 68 x 98 x 23 cm

Em 2001 nascia a ArteLisboa. Em Novembro desse ano, no jornal Expresso, Alexandre Pomar era peremptório: "Lisboa também vai ter a sua feira de arte internacional, ou melhor, ibérica". O número elevado de galerias do país vizinho levou a que se falasse numa "invasão espanhola". Também na edição de 2008, entre as 70 galerias escolhidas destacam-se 25 vindas de Espanha, das cidades de Vigo, Barcelona, Badajoz, San Sebastián, Castelló, Málaga, Santander, Valencia e Oviedo. As galerias Ad Hoc, Alonso Vidal, Bacelos, Casa Borne, Del Sol St, Estiarte ou Marta Cervera são alguns exemplos. Esta edição conta com várias estreias. Da Coreia vem a Aka Gallery, de Moçambique vem a Muvart e da Alemanha a Brot und Spiele. A Muvart – Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique – aposta na promoção da arte contemporânea moçambicana, além da programação regular da Bienal Internacional de Arte Contemporânea no Museu Nacional de Arte, em Maputo. Kay Neubert, galerista do projecto alemão, destaca as vantagens do formato da feira: "depois das nossas experiências em mega-feiras de arte, como Miami, aprendi que não são lugares para nós. O nosso trabalho tem uma componente conceptual muito forte, o que implica que a comunicação com o visitante seja muito importante e, desde logo, o público precise de tempo e paciência."

Nas galerias nacionais destacam-se as estreantes Art Form, Bernardo Marques, Leonel Moura, Nuno Sacramento e Pente 10. Rui Macedo é um artista da Art Form, expondo também na Carlos Carvalho e na espanhola Vertice. O seu trabalho, "de grande variação formal e temática", reflecte desde "as condições de visibilidade



Galeria Muvart (Moçambique) | **RICARDO RANGEL**
 "Prioridade de passagem", 1962 | Fotografia | 30 x 40 cm

da pintura à exploração de jogos ópticos" nas palavras do crítico Celso Martins. Noutro sentido, a Galeria Leonel Moura dedica-se exclusivamente à obra robótica do artista que dá o nome à casa, bem como a projectos que questionam a articulação entre arte e ciência, que ele desenvolve. Uma arte emergente, que desemboca na produção de obras como Robot RAP ou até em pinturas de séries, como Para acabar de vez com a história da arte, apresentadas nesta edição da feira.

A recente Pente 10 também é uma estreia na ArtelIsboa, apostando sobretudo na divulgação da obra de nomes consagrados da fotografia, como José Manuel Rodrigues, Manuel Luís Cochofel, Georges Pacheco, entre outros.

A segunda edição dos Project Rooms, um espaço de maior experimentalismo dentro da feira, conta com o comissariado de Paco Barragán, curador independente e gestor cultural de renome (com quem publicamos uma entrevista nesta edição). Entre os projectos seleccionados encontramos a Galeria Metta, com a obra de Chus Garcia-Fraile. A galeria portuguesa MCO vem representada por Fabrizio Matos, enquanto a Filomena Soares aposta em dois projectos, um deles defendido por Inês Botelho e o outro por Rodrigo Oliveira. O já referido Rui Macedo é o nome que a galeria Art Form (do Estoril) apresenta, enquanto que a 3+1 Arte Contemporânea optou pela dupla Sara & André e o seu projecto artístico que inclui desenho e performance. De Espanha veio Lidia Benavides, em representação da Estiarte, e Toño Barreiro da Casaborne (Barcelona). Finalmente, a galeria Brot und Spiele escolheu o artista belga Steve Schepens.

Ao fazer estas escolhas, as intenções de Barragán não podiam ser mais claras: "o que não quis de certeza fazer foi, como é habitual na maior parte das feiras e nas secções de Project Rooms, seleccionar um número de artistas cujas obras tinham sido apresentadas para um projecto dessa secção." Entre os vários artistas que lhe agradaram, procurou encontrar um fio condutor entre eles, falando com as galerias e com os próprios artistas, chegando a incluir galerias que não tinham proposto um projecto, e convidando outras a participar na ArtelIsboa pela primeira vez. "Painting and other Stories" é o nome

genérico do programa por ele apresentado, dado que nas várias propostas essa é a base comum.

Todos os artistas seleccionados reflectem "de maneira formal, conceptual ou até literal" sobre o estado actual da pintura e mostram como esta se relaciona com o vídeo. Não deixa de ser curioso notar que entre os dez Project Rooms, cinco deles são de galerias internacionais, quatro espanholas (Metta, Estiarte, Marta Cervera e Casaborne) e uma alemã (Brot und Spiele).

"Painting and other stories" pode ser dividida em dois sectores, um deles mais formal, em que surgem agrupados Chus Garcia-Fraile, Ruth Root, Toño Barreiro e Fabrizio Matos. Todos eles parecem, pelo menos à primeira vista, partilhar um interesse mais formal na pintura.

O sector mais conceptual é formado por Sara & André, Lidia Benavides, Steve Schepens, Inês Botelho e Rui Oliveira.

Geometrismo, ousadia e desafio poderiam ser as palavras para definir a obra de Ruth Root, que terá ido beber inspiração a Mondrian e a Kelly. As ruínas contemporâneas são a fonte de inspiração para Fabrizio Matos, que começa por fotografá-las para depois criar composições



Galeria Amparo 60
 (Brasil)
PAULO BRUSCKY
 "Envelope Show –
 Auto-retrato via aérea",
 1976
 Colagem/ Livro de
 artista, Exemplar único
 48 x 58 cm

VPF Cream Art (Portugal) | "Mars-1 Super Systems", 2008
 Acrílico sobre Madeira | 35 x 46 cm | Fotografia: Valter Vinagre





Del Sol St. Art Gallery (Espanha) | **FERNANDO BERMEJO** | Vista da exposição, 2008



Galeria Pente 10 (Portugal) | Flor Garduño | "Argos, México", 1999 | Carbon giclée print | 69,5 x 85,5 cm | © Flor Garduño

À esquerda: Galeria Bernardo Marques (Portugal)

JOSÉ DE GUIMARÃES | Série Brasil

Guache sobre papel artesanal | 100 x 100 cm

pictóricas, em que se mesclam a pintura paisagista do romantismo e as influências da sétima arte, estabelecendo um diálogo entre paisagem e plateau.

A intervenção digital de Toño Barreiro desemboca em composições inesquecíveis nas quais deambulam imagens biomórficas. Ingres e o classicismo são os referentes por excelência na produção artística de Rui Macedo que os revisita e redimensiona criando pintura e instalação em simultâneo.

A instalação in situ Horror 46 é da autoria de Steve Schepens. Resume-se a 15 quadros que formam um castelo de cartas, no qual as imagens se espelham umas nas outras e onde se sugere que o visitante encontre as diferenças. Aqui, a comicidade e o sentido crítico andam de mãos dadas.

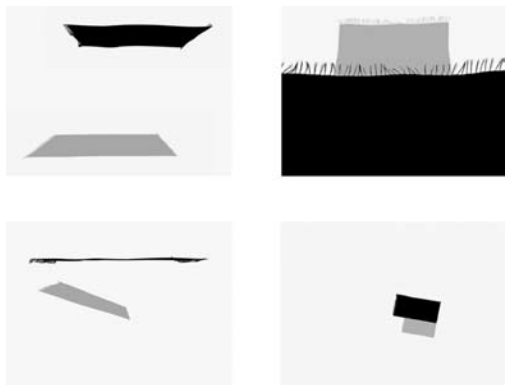
Inês Botelho opta por explorar questões que se prendem com o vídeo e a possibilidade de dotar a pintura de movimento, tendo como pano de fundo romantismo e construtivismo.

O única dupla presente apostou num projecto intitulado Claim to fame, apresentando uma instalação e uma performance, ao mesmo tempo que põem em causa rituais, padrões e arquétipos que encontramos na arte.

Lidia Benavides também é outra das artistas cuja obra se serve da fotografia como suporte, criando a partir dela universos repletos de sombras e de reflexos, em que a luz tem o papel principal.

Montanha russa, de Rodrigo Oliveira, questiona a relação entre a pintura e o volume, usando pequenos palitos (objectos do quotidiano) para construir uma estrutura que remete para a pintura clássica paisagista.

Paco Barragán defende que a pintura não se prende apenas com "o que se faz", mas também com "a forma como se faz", chegando a concluir que é "quase irónico o contexto no qual os processos digitais e as tecnologias vieram reposicionar a pintura num lugar de destaque". |



INÊS BOTELO | "Sombra e Tapete Voador", 2007
 Vídeo (projectção) | Sem som | 2'26" loop
 Galeria Filomena Soares



RODRIGO OLIVEIRA
 "Montanha Russa (Picos)", 2008 |
 Construção de madeira de palitos de
 vários tamanhos, cola e fio dental
 300 x 300 x 200 cm
 Galeria Filomena Soares



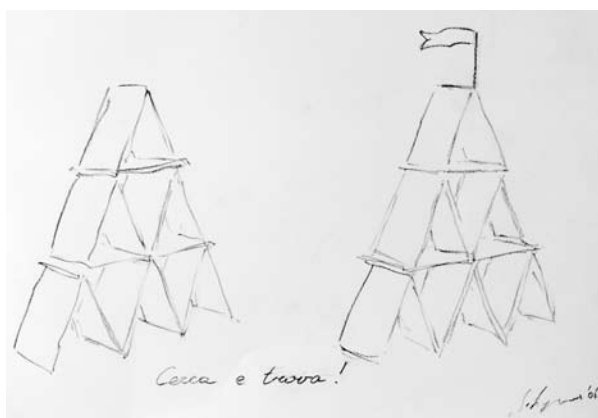
RODRIGO OLIVEIRA
 "Montanha Russa (Picos)", 2008 | Detalhe
 Construção de madeira de palitos
 de vários tamanhos, cola e fio dental
 300 x 300 x 200 cm
 Galeria Filomena Soares



CHUS GARCIA-FRAILE | "For sale II", 2007
 Fotografia digital, papel poliéster sobre dibond
 150 x 115 cm | Ed. 5 +2 AP | Galeria Metta



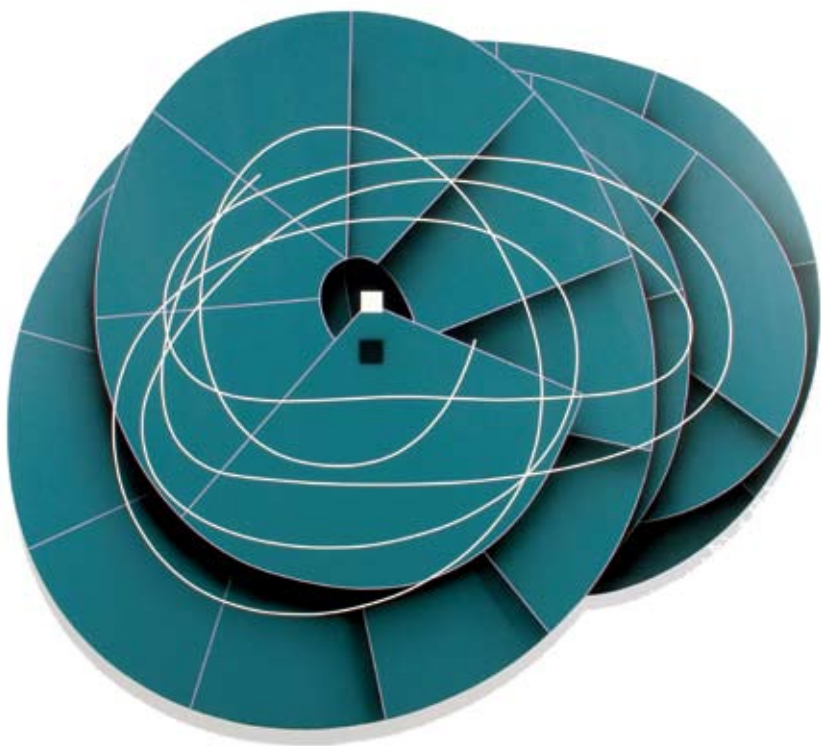
LIDIA BENAVIDES | "Sun Oven Silver Mirror", 2008 | Instalação fotográfica com 36 stills de vídeo em
 papel duraclear revestido a silicone sobre espelho plástico | 280 x 500 cm | Ed. 3 exemplares
 Galeria Estiarte



À esquerda:
STEVE SCHEPENS
 "Horror 46 Cerca
 e Trova", 2008
 Desenho
 (perspectiva da
 instalação)
 Cortesia Brot
 und Spiele Galerie

À direita:
 Sara & André
 2008
 Grafite sobre papel A2
 Galeria 3+1
 Contemporâneo





TOÑO BARREIRO

"Anelido III", 2007 | Acrílico sobre tela

242 x 211 cm | Fotografia: Toño Barreiro | Galeria Casaborne



FABRIZIO MATOS

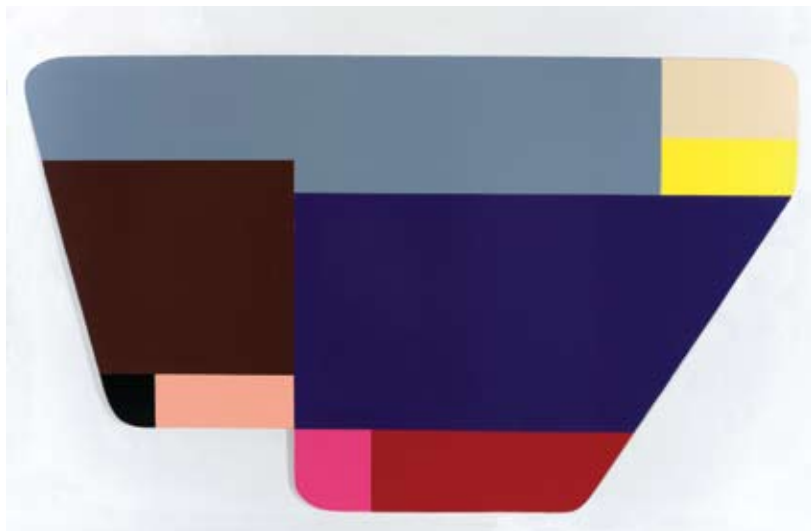
"Transeio 3", 2008 | Acrílico sobre linho

168 x 126 cm | Galeria MCO

RUTH ROOT

"Sem título", 2007-2008 | Esmalte sobre alumínio

106,68 x 210 cm | Galeria Marta Cervera



RUI MACEDO

"In advance of Ingres's Napoléon 1er sur le trône imperial", 2008

Óleo sobre tela | 200 x 200 cm | Galeria Artform

A dor da arte tem cura

CONVERSA COM PACO BARRAGÁN

TERESA PEARCE DE AZEVEDO

O CURADOR RESPONSÁVEL PELOS PROJECT ROOMS NA EDIÇÃO DESTE ANO DA ARTELISBOA FALA SOBRE A SUA FUNÇÃO, TECE CRÍTICAS E LANÇA PISTAS. PACO BARRAGÁN ACREDITA NA MUDANÇA.



PACO BARRAGÁN | Cortesi Chus García-Fraile, Madrid

Artes & Leilões – Além da curadoria, o seu percurso fica marcado pelo jornalismo. Ainda escreve para alguma publicação?

Paco Barragán – Entre 1996 e 2002 escrevi para publicações como *Lápiz* e *ABC Cultural*, em Espanha, *Metropolis-M*, nos Países Baixos, *Artnexus* (EUA/Colômbia), *Artnet* (EUA) ou *Contemporary* (Reino Unido). A partir de 2002 a curadoria começou a interessar-me mais e foi nessa altura que co-comissariei a minha primeira exposição, “Deluxe”, com o colectivo de artistas El Perro.

Muitas pessoas fazem crítica de arte e, simultaneamente, são curadores ou professores. Não me parece muito apropriado, embora compreenda que o mercado está enfraquecido e seja impossível viver da crítica de arte ou da curadoria. Por isso, hoje em dia só escrevo artigos de opinião ou algum texto que me peçam para uma exposição.

A & L – Como surgiu o livro *La Era de las Ferias*?

Paco Barragán – Surgiu da minha experiência, quando trabalhei como curador ou director artístico de feiras, como CIRCA Puerto Rico ou PhotoMiami, foi a contrapartida teórica do meu trabalho prático. Por outro lado, fiquei surpreso ao verificar que não havia nenhum livro sobre feiras de arte.

A & L – Que relação pode estabelecer-se com o seu livro anterior, *El Arte que Viene/The Art to Come* (2002)?

Paco Barragán – Esse livro resultou da minha coluna mensal na *Subastas Siglo XXI*, uma revista sobre o mercado de arte. Propuseram-me que se convertessem os textos em livro, na linha de *CREAM* e *Art at the Turn of the Millennium*, com a diferença que os 159 artistas propostos por mim, e cuja obra tinha visto entre 1996 e 2001, eram sobretudo jovens ou artistas desconhecidos.

Era um livro mais arriscado e fico satisfeito que hoje um grupo de artistas desconhecidos na altura – Julie Mehretu, Annika Larsson, Haluk Akakce, Peter Rostovsky, Allora & Calzadilla, Loris Cecchini, David Claerbout, Yael Davids, Runa Islam, Roger Hiorns, Rachel Howard, Luo Brothers, David Thorpe, Paul Pfeiffer, Paul Noble, Do-Ho Su, Fiona



"Family portrait with Miami, Papi, Alberto y Yo", 2005
Metallic lambda print | 50 x 50 cm | da série "Rincón Flamboyant"
Cortesia Diana Lowenstein Fine Art, Miami/Galería Walter Otero,
Porto Rico

Tan, Javier Téllez, Rosemary Laing, Hellen van Meene...
– sejam conhecidos do grande público.

Com *La Era de las Ferias* propus-me escrever um livro com a ambição de que se torne numa referência, uma espécie de *CREAM* para outros livros sobre o fenómeno das feiras que venham a surgir no futuro. Talvez por isso o estilo seja muito directo e muito prático, é a minha parte calvinista holandesa.

A & L – Neste livro, quando fala sobre as dez regras do colecionador, refere a importância de contar com assessores. Em que medida eles podem ajudar a sedimentar o gosto de um colecionador?

Paco Barragán – As minhas dez regras do coleccionismo são normas que, consciente ou inconscientemente, são aplicadas por coleccionistas de que gosto. Muitos coleccionadores deixam-se levar pelo que algumas pessoas dizem, sem parar para pensar se gostam daquilo que vêem, compram "de ouvido" e não "de vista". A quem quiser coleccionar por prestígio social, investimento económico ou *branding* corporativo, recomendo que contrate um assessor, sobretudo no começo. A arte está cada vez mais especializada e, cada vez mais, exige mais tempo. O coleccionador tem de perder algum tempo, viajar, se quiser dedicar-se ao coleccionismo com seriedade e profundidade e evitar depender exclusivamente de um assessor ou de um galerista.

A & L – No livro, discorre sobre as diferenças entre bienais e feiras. Quer sintetizar um pouco o seu parecer?

Paco Barragán – Os anos 90 foram a era das bienais, agora vivemos na era das feiras. Muitas bienais são repetitivas – repetem curadores, repetem artistas, e procuram um tipo de artista *blue chip* e estão bastante falhas de ideias e desligadas do contexto. E também foram objecto de manipulações políticas – Bienal de São Paulo, de Havana, Joanesburgo, Bienal de Valencia – ou, pura e simplesmente, desapareceram.

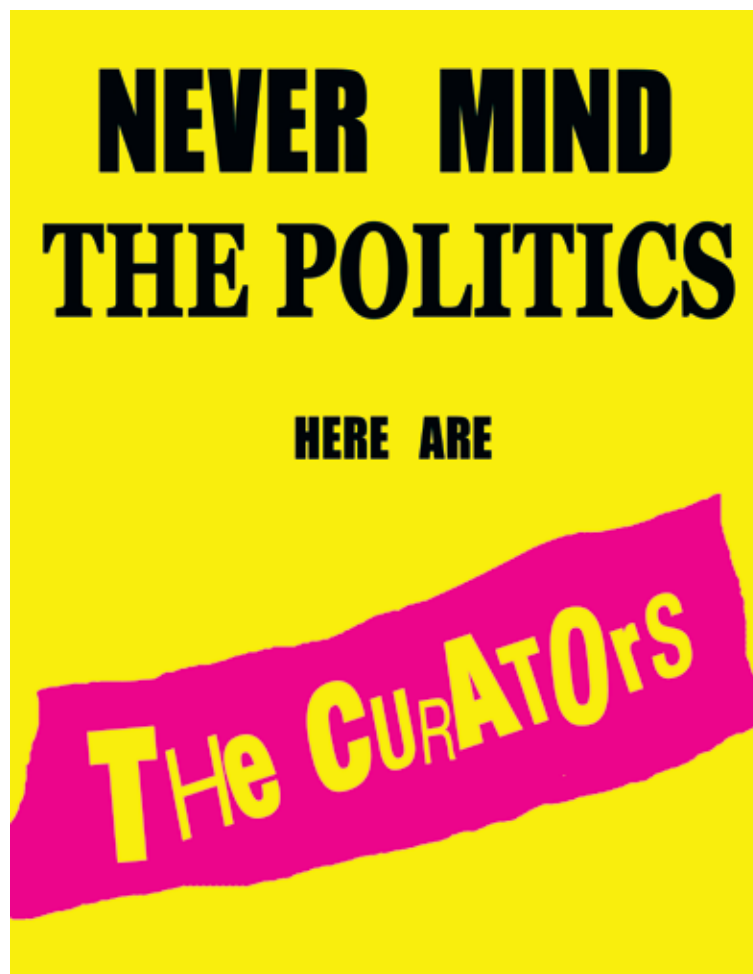
Por outro lado, existe alguma diferença entre uma feira e

a Bienal de Veneza, quando tudo está vendido antecipadamente, ou na abertura? Por agora, a bienal, como plataforma, limita-se a ser uma espécie de "ponte aérea" de curadores que vão de bienal em bienal com projectos que tanto podem fazer-se no Afeganistão como em Nova Iorque. Ou, como disse o artista mexicano sedado em Nova Iorque, Pablo Helguera, "big exhibitions with small ideas". Acabei de ler que a Bienal de Lyon contratou Catherine David... É disto que estou a falar, e não é nada pessoal! As feiras de arte impuseram-se por razões económicas – voos baratos, Internet, mais informação – mas também porque correspondem ao desejo de viver experiências novas e sentir-se protagonista: ver arte, assistir a inaugurações paralelas, conferências, visitar colecções privadas...

As feiras tornaram-se naquilo a que chamo "Urban Entertainment Centers (UEC)", centros urbanos de entretenimento muito sofisticados, e assim se explica o seu êxito dentro do "novo espírito do capitalismo", tão acertadamente descrito por Luc Boltanski e Eve Chiapello. Tanto a bienal como a feira são plataformas necessárias e complementares, mas ambas precisam de uma revisão.

A & L – No seu livro define-se como "um curador feito feirante". O que distingue um curador especializado em feiras?

Paco Barragán – No princípio usava o conceito "curador de feira" de forma irónica, mas cedo me dei conta de que



"Never mind the politics" 2005 | Cartaz

Cortesia Upstream Gallery, Amsterdam/The Breeder, Atenas

o conceito poderia ser perfeitamente válido, como uma espécie de *ready-made* prático. As feiras de arte procuram ajuda no curador para conseguir uma dada posição artística e, por outro lado, para que conceba projectos que só possam ser vistos ali, como os Frieze Projects. Há cada vez mais curadores como directores de feiras e nos comités de selecção, com a vontade de conseguir selecções mais transparentes e menos polémicas. Para o curador, a feira converte-se numa nova plataforma onde realiza projectos de outro tipo, com outra duração, dado que o processo de selecção, apresentação, inauguração e discussão fica reduzido aos cinco dias da feira.

O curador de feira trabalha com as galerias e artistas participantes, quando está a conceber uma exposição ou secção. Por outro lado, também se envolve na captação de galerias participantes, como também deverá assessorá-las sobre que artistas ou obras mostrar.

A participação do curador deveria, sobretudo, contribuir para que uma feira não seja apenas um puro intercâmbio comercial, mas se converta também numa experiência estética e pedagógica.

A & L – Cita Amanda Coulson, recordando que ao afirmarmos que há demasiadas feiras, afirmamos que há demasiada arte...

Paco Barragán – Estou de acordo com ela. Há muitas críticas, dos galeristas e coleccionadores, porque se sentem cansados de tantas feiras. Aos primeiros, dir-lhes-ia que devem ser selectivos, desenvolver uma estratégia; no caso dos coleccionadores, é um assunto mais complexo relacionado com o ter estado “em tal feira” e os jogos de competência social.

Mas acho estupendo que haja tantas feiras, há muitos artistas e galerias que não podem estar na Art Basel ou na Frieze e, assim, têm oportunidades. Amanda afirma que “estar contra as feiras é estar contra a arte e os artistas”. Eu acho o mesmo.

A & L – Quais são os artistas portugueses que destacaria e porquê?

Paco Barragán – O meu conhecimento sobre a cena artística portuguesa é bastante limitado, tirando os grandes nomes que todos conhecemos, só trabalhei em projectos ou exposições com Carlos Bunga, Augusto Alves da Silva, Catarina Campino e Vasco Araújo. É graças à ArtelIsboa que tenho a oportunidade de trabalhar pela primeira vez em Portugal.

A & L – Num artigo sobre a exposição “Antirrealismos” (2003) atacou o que designou como “a falta de uma estrutura galerística forte, um coleccionismo pobre e provinciano, e uma falta de interesse por parte das instituições em promover e apoiar a arte jovem.” O que poderia e deveria mudar?

Paco Barragán – Em Espanha, e por causa desta “era das feiras”, as coisas começaram a mudar a pouco e pouco. Cada vez são mais os coleccionadores que viajam e o facto de não falarem inglês já não é um impedimento, mas o coleccionismo espanhol continua a ser muito centrado na pintura bidimensional.

Mas, hoje em dia, há muitos jovens artistas espanhóis que foram estudar e trabalhar para Londres, Berlim ou Nova Iorque e assim têm uma visibilidade e um trabalho “em rede” que, em Espanha, não conseguiriam. Não obstante, a presença de artistas espanhóis em exposições

Perfil

Curador independente, gestor cultural e director artístico da CIRCA Puerto Rico, Paco Barragán, nascido em Oviedo, é ainda presidente do comité de selecção da PhotoMiami e assessor curatorial do Artist Pension Trust. Reside em Madrid e, entre outras, comissariou as exposições “nEUclear reactions”, realizada no âmbito da International Biennale of Contemporary Art (IBCA) de Praga (2005); “No lo llares Performance”, no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía de Madrid (2003) ou “Lee Bul: Aseptia”, na Domus Artium de Salamanca (2007)



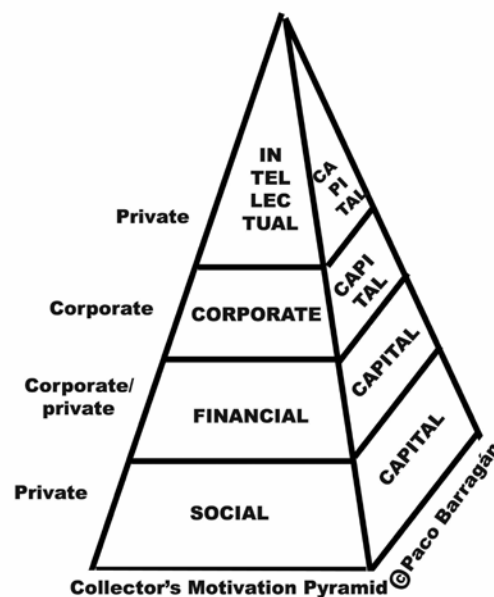
“Everybody wants to be an art fair curator these days”
Cortesia Paul Nescio, Amsterdam

internacionais, como a Documenta e a Bienal de Veneza, tem sido escassa.

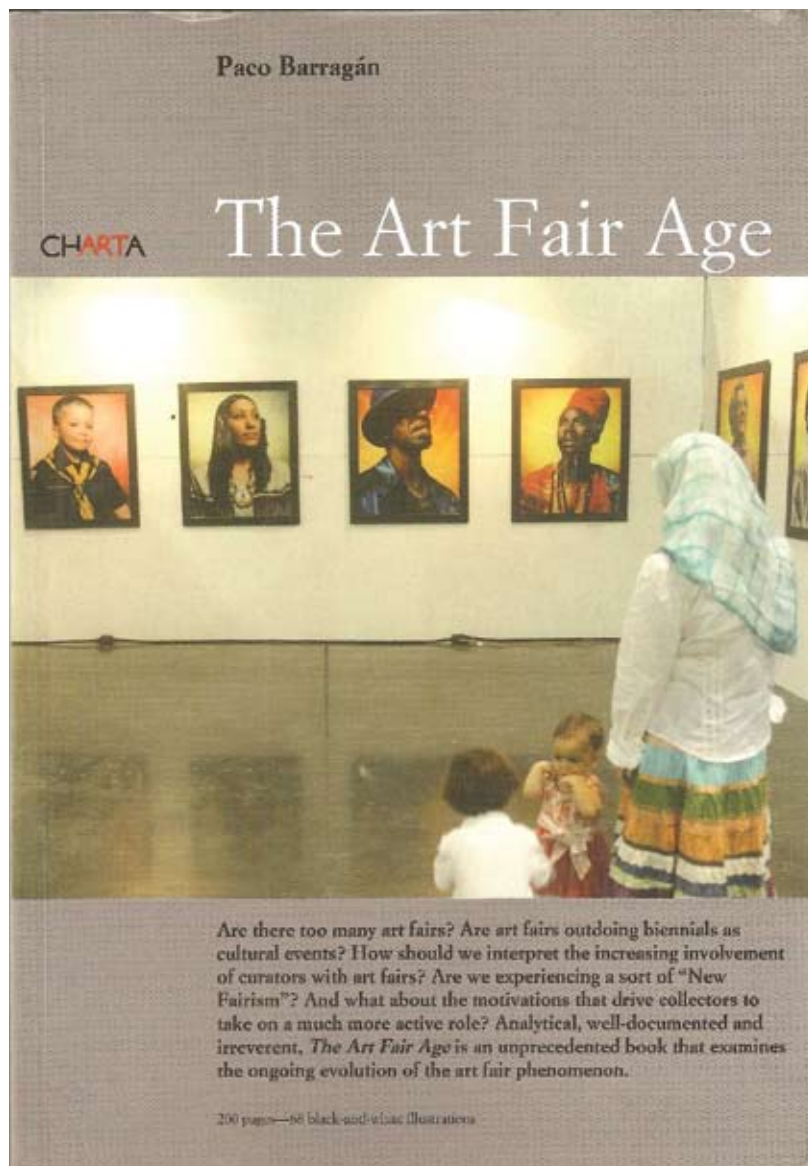
A Espanha precisa de uma espécie de Fundação Mondriaan, como no caso dos Países Baixos, uma instituição profissionalizada e transparente que permita realmente promover a arte espanhola internacionalmente.

A & L – No seu livro elabora uma relação entre a mercantilização e a autonomia da arte. O facto de uma peça de arte ser valiosa é necessariamente mau?

Paco Barragán – Não me interessa a oposição “mercantilização – autonomia da arte”. Parece-me um discurso bastante cínico que se ouve a pessoas que se colocam numa suposta plataforma de moralidade, que geralmente se refere a directores de museus e professores universitários, ou críticos de renome, tipo Julian Stallabrass.



Pirâmide de motivações de coleccionismo.



Tanto o director de um museu – que compra obras de arte para a sua colecção e realiza exposições com artistas contemporâneos – como o Sr. Stallabrass – que dá aulas numa faculdade e dessa maneira prepara os alunos para entrar no mercado de trabalho – estão a trabalhar para o mercado de arte.

Por outro lado, cada vez mais o sector empresarial e corporativo está a tomar uma posição activa no mundo da arte, tornando o privado público.

A & L – Como prevê que irão evoluir as feiras e o mercado de arte?

Paco Barragán – Creio que existirá uma crescente implicação corporativa que responde a objectivos de *branding* e comunicação. Com o passar do tempo, não haverá tantas feiras, e terá passado esta loucura actual. Irão sobrar duas ou três grandes feiras tipo Art Basel ou Frieze e o resto serão feiras pequenas, especializadas, que responderão às necessidades de um público em concreto. Por outro lado, profissões como a de galerista terão de reinventar-se; já não se trata de ter uns espaços enormes e ficar a maior parte do tempo na galeria. É preciso encontrar outro tipo de estratégias, ter espaços tipo *show room* e muito mais liberdade para mover-se local e internacionalmente. E também o artista tem de procurar um enfoque mais *idea-based* e não tanto *production-based*, ou seja, produzindo constantemente e não para projectos em concreto.

Por último, é preciso perguntar o que irá passar-se com o cada vez maior número de colecções privadas que procuram museus públicos para serem expostas, pois nem todas são boas nem se construíram com base nos critérios correctos. |